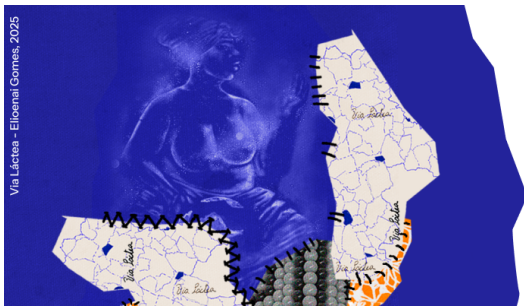




**O PENSAMENTO HISTÓRICO-CRÍTICO DE PERTENCIMENTO CULTURAL
AMAZÔNICO NO AMBIENTE ESCOLAR:
VIVÊNCIAS DO PIBID NO ENSINO-APRENDIZAGEM DAS ARTES VISUAIS**

**HISTORICAL-CRITICAL THINKING OF AMAZONIAN CULTURAL BELONGING IN
THE SCHOOL ENVIRONMENT:
EXPERIENCES OF PIBID IN THE TEACHING-LEARNING OF VISUAL ARTS**

João Messias Barros de Melo¹

PIBID Artes Visuais/CAPES/ FAV/ UFPA

Kessya Beatryz Lima Machado ²

PIBID Artes Visuais/CAPES/ FAV/ UFPA

Raquel Rabello de Souza³

PIBID Artes Visuais/CAPES/ FAV/ UFPA

Heldilene Guerreiro Reale⁴

UFPA/PROFARTES/ICA/FAV/PIBID Artes Visuais

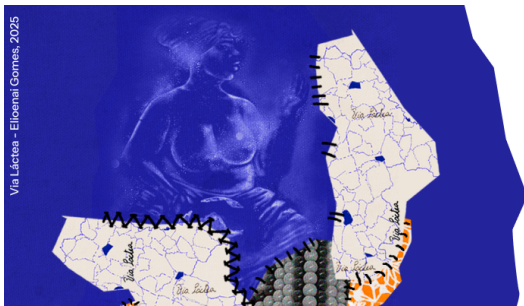
Resumo: O presente artigo, busca reconhecer o pensamento histórico-crítico como forma de conscientizar os educandos acerca da necessidade de uma afirmação de identidade amazônica, proporcionando um pertencimento cultural às práticas e experiências conduzidas pelo processo do ensino/aprendizagem no ambiente escolar a partir de vivências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência por meio do projeto: PIBID Interdisciplinar Artes Visuais, Dança e Teatro da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. Tal proposta se justifica pela permanência de pensamentos colonialistas e eurocêntricos nas aulas de Artes Visuais e, conseqüentemente, uma limitação dos

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a partir da atuação no Projeto Interdisciplinar Artes Visuais, Dança e Teatro. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5614011919811139>

² Discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a partir da atuação no Projeto Interdisciplinar Artes Visuais, Dança e Teatro. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0404347203498794>

³ Discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) a partir da atuação no Projeto Interdisciplinar Artes Visuais, Dança e Teatro. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5628873548643689>

⁴ Professora Adjunto A, dos Cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Artes Visuais (FAV/ICA/UFPA) e do Programa de Mestrado em Artes (PROFARTES/ICA/UFPA) da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Projeto Interdisciplinar PIBID na área de Artes Visuais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6303416965971617>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6241-6592>.



estudantes no aspecto de identidade da região amazônica, múltipla e diversa territorialmente e culturalmente. Desse modo, será analisado o impacto que o contato com diversas manifestações artísticas, regionais e não regionais, provocam no desenvolvimento das identidades culturais de estudantes do 7º ano B, da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Tempo Integral José Bonifácio, em Belém do Pará, vinculada a atuação do PIBID em Artes Visuais.

Palavras-chave: PIBID; artes visuais; pertencimento; identidade.

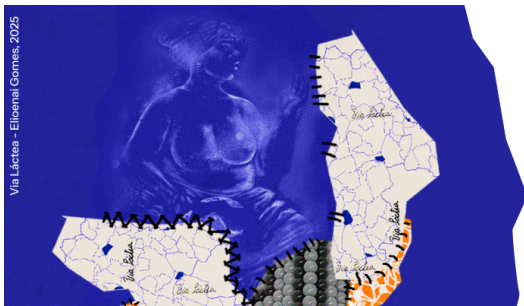
Abstract: This article seeks to recognize historical-critical thinking as a way to raise students' awareness of the need to affirm their Amazonian identity, providing a sense of cultural belonging to the practices and experiences conducted by the teaching/learning process in the school environment, based on experiences of the Institutional Teaching Initiation Grant Program through the PIBID Interdisciplinary Visual Arts, Dance, and Theater project. This proposal is justified by the persistence of colonialist and Eurocentric thinking in Visual Arts classes and, consequently, a limitation on students' understanding of the Amazon region's identity, which is multiple and diverse territorially and culturally. Thus, the impact that contact with diverse artistic expressions, both regional and non-regional, has on the development of cultural identities of 7th grade B students at the José Bonifácio State Full-Time Elementary School, linked to the PIBID in Visual Arts, will be analyzed.

Keywords: PIBID; visual arts; belonging; identity.

1 INTRODUÇÃO

A formação de uma consciência histórico-crítica e o desenvolvimento do pensamento reflexivo são compromissos fundamentais do processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais. Entretanto, tal papel nem sempre foi atribuído à Arte, principalmente em seus primórdios na história da educação. No Brasil colonial, a transferência da corte portuguesa em 1808 mudou o cenário político, econômico, educacional e cultural brasileiro, com a chegada da Missão Artística Francesa, a qual, anos depois, deixou como resultado a Academia e Escola de Belas-Artes e, conseqüentemente, a instalação oficial do ensino artístico no Brasil (Fusari, Ferraz, 2009, p.42).

Nesse contexto, o ensino das Artes Visuais tinha como objetivo desenvolver habilidades gráficas, domínio da racionalidade e promover ideais estéticos referentes ao “belo” e ao “bom-gosto”, baseando-se em ideias eurocêntricas. Na Pedagogia Tradicional, desenvolvida nas primeiras décadas do século XX, a Arte era dotada de sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho, com uma



transmissão de conteúdos reprodutivistas, reconhecidos como “verdades absolutas”, desvinculados da realidade social e de pensamentos críticos. Nessa concepção, o mais importante era o resultado dos trabalhos, e não o desenvolvimento dos estudantes.

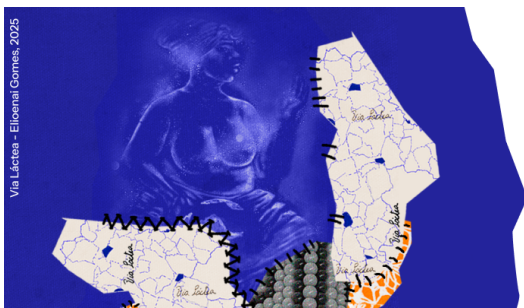
Com o advento das pesquisas no campo da educação e filosofia, surgiu a Tendência Realista-Progressista, a qual faz da educação um instrumento fundamental para a análise crítica das realidades sociais e conscientização das pessoas, visando o comprometimento educacional com o local de vivência e experiências dos educandos. Assim, a “Pedagogia Libertadora” se mostra capaz de atender às necessidades educacionais artísticas e culturais, através do diálogo educador-educando que busca contextualizar os conteúdos e valorizar o pensamento histórico-crítico dos estudantes.

Nesse sentido, entende-se que ao longo da experiência que será apresentada, é possível compreender que no processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, o foco em conteúdos de valorização da cultura local visam o desenvolvimento histórico-crítico destes alunos, apontando caminhos reflexivos que contribuam para desenvolvimento de identidades culturais e do senso artístico/estético dos educandos. Dessa forma, possibilita-se a formação de indivíduos que se compreendem enquanto sujeitos amazônicos, capazes de consumir, fazer e refletir sobre Arte da/na Amazônia.

2. REFLEXÕES ACERCA DE ASPECTOS HISTÓRICO-CRÍTICOS DA IDENTIDADE AMAZÔNICA NO CONTEXTO DAS ARTES VISUAIS

Pensar uma abordagem pedagógica dentro das Artes Visuais que dialogue com a história exige pontuar que a arte estará intimamente em contato com a questão das narrativas, os afetos e emoções que influenciam fortemente nas concepções de identidade.

O desafio não está apenas em ensinar fatos e conceitos, mas em navegar pelas crenças, afetos e narrativas que moldam o modo como os estudantes compreendem o passado e se enxergam no presente. A sala de aula, nesse contexto, torna-se um espaço de negociação entre a história escolar e as histórias pessoais e coletivas que os estudantes carregam consigo, que



informam, enquadram e conferem sentido ao que irão aprender. (Rocha; Monteiro, 2024, p. 118).

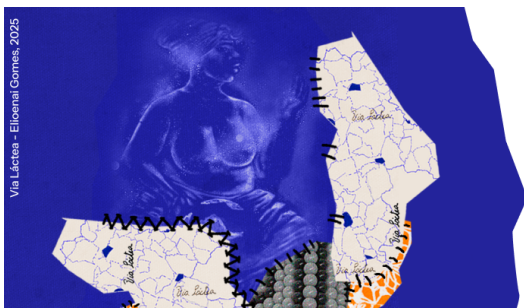
O pensamento histórico-crítico, enquanto uma ferramenta emancipatória identitária dentro do contexto amazônico, é uma narrativa que vem sendo integrada nas aulas de Artes Visuais do 7º ano B da E.E.E.F. de Tempo Integral José Bonifácio, em Belém do Pará. Tomando a noção de ideologia sintetizada por Marilena Chaui na introdução de seu artigo *Ideologia e Educação* (2016), a autora discorre a educação como um conjunto de normas e representações que descrevem o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir.

Partindo da visão de Chaui (2016), pode-se destacar a ideia de que tais ideologias se entrelaçam aos saberes hegemônicos na medida que são capazes de permanecer invisíveis e assumir um caráter narrativo supostamente neutro acerca da realidade. Outrossim, a própria manutenção dessas narrativas não depende apenas da invisibilidade das ideias que moldam diariamente cosmovisões, mas também da ocultação de sua origem, ou seja, a luta de classes.

(...) a ideologia deve fabricar teorias a respeito da origem da sociedade e das diferenças sociais de modo a poder negar sua origem verdadeira. Trata-se, pois, da produção de uma gênese imaginária sustentada por determinadas 'teorias' da história. (Chauí, 2016, p. 248).

Dessa forma, um mergulho crítico sobre a história nas Artes Visuais é de extrema importância. O gesto de examinar o passado e as reflexões sobre o presente, nesse contexto de práticas do PIBID, assumem um papel crítico de leitura da realidade sensível que permite que os educandos passem a se entender e se enxergar culturalmente através das Artes Visuais. Assim, na medida que percepções já existentes dentro de suas bagagens de conhecimento sobre si mesmos e sobre o coletivo se somam com narrativas que enaltecem determinados elementos que dialogam com seus cotidianos, é possível um entendimento significativo do passado e do presente e, conseqüentemente, a construção de identidades culturais.

A ideologia neoliberal alinhada ao sistema de produção que coloca o capital no centro das relações, construiu historicamente as bases de entendimento da sociedade e da cultura. Nossos comportamentos e ideias, enquanto sociedade e



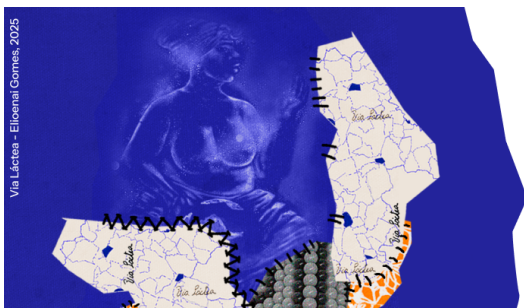
instituições, reproduzem dinâmicas ligadas ao ideal de consumo, que refletem também em como nos enxergamos, e percebemos nosso território e saberes locais.

Um período histórico marcado pela aceleração dos fluxos acaba por forçar os indivíduos a adotarem práticas individuais de consumo, sendo a própria produção de bens de consumo direcionada aos gostos particulares, abarcando preferências e sentimentos individuais. Portanto, o consumo acaba sendo uma forma de os consumidores escolherem qual identidade querem assumir, arcando com os custos, no entanto, de adotar uma caracterização influenciada pelos apelos midiáticos ou pelas tendências estrangeiras. (Polon, 2015, p.38).

Dessa maneira, ao promover a crítica sobre as estruturas de pensamento historicamente sistematizadas pela classe dominante, a qual conscientemente busca desvincular os sujeitos das dimensões simbólicas materiais e imateriais que os permitem se identificarem no mundo, é necessário tensionar o que entendemos por identidade na Amazônia. Sobretudo quando consideramos as formas pelas quais essa classe pensou e transmitiu a ideia desse território ao imaginário popular durante anos.

O fetichismo da natureza, tal como o fetichismo da mercadoria, não é uma mera ilusão a ser desvendada, mas uma forma social necessária à reprodução do capitalismo. A separação entre humanidade e natureza, a redução da floresta a um estoque de recursos ou a um conjunto de serviços ecossistêmicos e a invisibilização dos povos tradicionais são processos ativos que permitem a dominação e a acumulação. A Amazônia, portanto, não é apenas vítima de uma falsa consciência, mas um território onde se materializam as contradições mais agudas do metabolismo social capitalista. (Barreto, 2025 p.41).

Por muito tempo, os conteúdos discutidos em sala de aula privilegiam a educação básica por meio de narrativas que não se aproximavam do contexto local dos estudantes, por vezes não contemplando e tampouco se aprofundando em aspectos críticos a respeito dessas narrativas, permitindo que elas fossem reproduzidas. Tais comportamentos solidificam a ideologia dominante, e reforçam a ideia de que essas pessoas compõem uma massa homogênea de mentes aculturadas dentro de um espaço natural fetichizado e abstrato, incapazes de criticar o mundo com ferramentas que lhes são de direito: as artes, a noção de identidade, a história e a crítica. Em concordância com Tomaz Tadeu da Silva (2010, p.16), “Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as



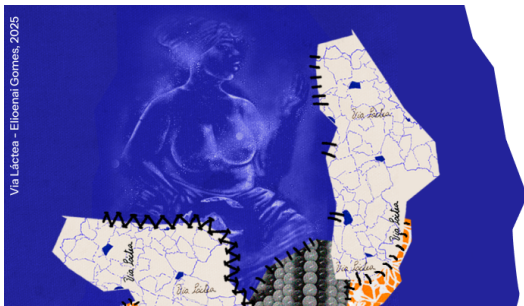
múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder”

Exige-se, portanto, do educador em formação, que se exercite também o gesto de examinar criticamente a realidade, entendendo seu papel enquanto articulador de narrativas, e que trabalhe interdisciplinarmente um caminho ideológico emancipatório no que concerne a compreensão de identidades e das estruturas de poder, tão presentes no contexto conceitual das Artes Visuais. Todavia, é vital ter cautela para não se utilizar de lógicas polivalentes do ensino tanto no que confere a área do historiador, quanto de outros educadores das demais áreas do conhecimento, uma vez que a polivalência não permite um aprofundamento no exercício da licenciatura em Artes Visuais, fragmentando a própria formação do indivíduo. Assim, gerando impactos que se aderem, inclusive, na compreensão de elaboração da BNCC no entorno da área Artes, incluindo as suas especificidades em um único pacote de ensino.

A realidade foi paulatinamente sendo modificada nos livros didáticos, que percorrem ainda hoje um caminho polivalente do ensino. O professor de Artes, ainda no plural, deve formar alunos em conteúdos que compreendem os aspectos da área de Artes Visuais, da Música, da Dança e do Teatro, um desafio ainda a ser vencido não somente na elaboração destes materiais, como também no planejamento e execução de concursos públicos na área de Artes Visuais e das demais áreas em todo o país.

Este conhecimento polivalente, levou, por um longo período, à aproximação de temas que traziam referências que não se aproximavam com a realidade e especificidade de seus respectivos lugares, presos em uma perspectiva de formação eurocentrada, ocidentalizada e colonizadora. Afasta a experiência artística da realidade territorial do aluno e sua perspectiva de identificação com temas e conteúdos que poderiam ser conectados à sua vida.

Segundo John Dewey (2010, p. 56), “a arte, em seu sentido mais elevado, é a manifestação, a celebração e a comunicação da experiência humana”. Ao trazer essa perspectiva para o contexto escolar, reafirma a necessidade dos elos que formam o sujeito, estarem conectados com a sua experiência de vida. Dentro desta



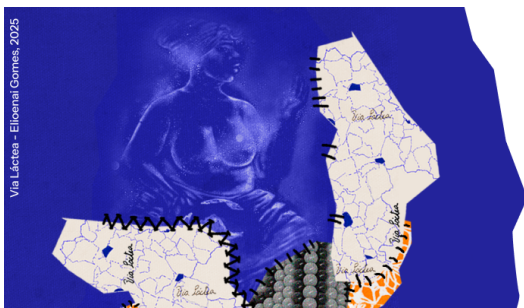
visão, a pedagogia da liberdade evidenciada por Paulo Freire (1967) e atualizada por por Bell Hooks (2013) apresenta a educação como um espaço de engajamento crítico, onde o conhecimento é produzido de forma dialógica e libertadora.

Nesse sentido, compreende-se que o ensino/aprendizagem em Artes Visuais deve enxergar esses indivíduos enquanto cidadãos capazes de experienciar a realidade por dimensões sensíveis, de forma crítica e reflexiva. Assim, sem abdicar da consciência coletiva dos seus papéis enquanto sujeitos históricos na contemporaneidade, mediante um olhar consciente e analítico a respeito de fenômenos que o cercam em sua realidade amazônica.

No que diz respeito à cultura local, pode-se constatar que quase sempre apenas o nível erudito dessa cultura é admitido na escola (Tarsila, Portinari etc.). As culturas de classes sociais economicamente desfavorecidas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação dessas classes. Nós aprendemos com Paulo Freire a rejeitar a segregação cultural na educação. As décadas de luta para que os oprimidos possam se libertar da ignorância sobre eles próprios nos ensinaram que uma educação libertária terá sucesso só quando os participantes no processo educacional forem capazes de identificar seu ego cultural e se orgulharem dele. (Barbosa, 2008, p. 19)

Como explicitado por Ana Mae Barbosa (2008), a identificação com a cultura local e o sentimento de pertencimento são elementos imprescindíveis para uma educação libertária dotada de pensamento crítico e reflexivo. Em seu conceito sobre interculturalidade, o qual remete à interação entre diferentes culturas, é nítida a importância de abordar manifestações artísticas locais e de vários grupos que caracterizam a nação, assim como expressões de outras nações, em prol do desenvolvimento cultural dos estudantes.

Dessa forma, na turma de 7º ano B, o ensino/aprendizagem das Artes Visuais vem sendo trabalhado atribuindo o mesmo valor apreciativo pela cultura erudita e pela produção do povo, de modo a estabelecer uma relação com a comunidade e as culturas da Amazônia.



3. EXPERIÊNCIA DE REAFIRMAÇÃO DA CULTURA AMAZÔNICA NA ATUAÇÃO DO PIBID EM ARTES VISUAIS

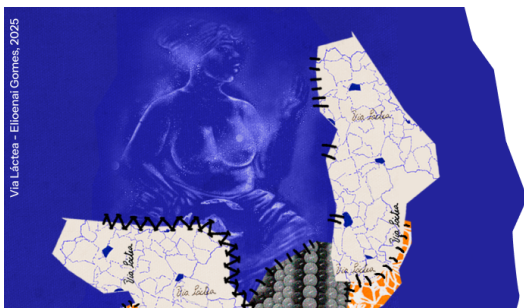
Na E.E.E.F. de Tempo Integral José Bonifácio, na turma do 7º ano B, foi observado uma cena de distanciamento da participação dos discentes em relação à maioria dos tópicos apresentados pela professora supervisora nas aulas da disciplina de Arte. Em assuntos como “Arte no Cotidiano”, “Roupa e Vestuário”, Arte Urbana”, “Cordel e Xilogravura” e “Fotografia”, nos quais é necessário a troca de experiências entre professor e educando para além dos conteúdos presentes no material didático usado em sala de aula, os estudantes não se posicionaram quanto às interações e indagações da professora.

Dessa forma, a busca por estimular o desenvolvimento pessoal dos contextos e vivências dos alunos mediante os códigos de Arte não é correspondida. Tal perspectiva, já observada pelos bolsistas do PIBID de Artes Visuais da FAV/UFGA, afeta não somente o aprendizado dos conteúdos propostos nos planejamentos, como também a formação da consciência crítica dos jovens através do ensino-aprendizagem em Artes Visuais.

Primeiramente, é a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização. É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo. (Ferraz e Fusari, 2009, p.18)

O contexto teórico/prático das Artes Visuais faz parte da vida humana antes mesmo da escrita (Mallmann, 2013), e esse fato é observado em locais onde a imagem tem a função comunicativa, como nas iconografias presentes nos grafismos da etnia marajoara. Esses aspectos são apresentados em sala de aula por meio de exemplos de culturas que constituem a região amazônica, entretanto, quando os discentes são questionados sobre sua compreensão do tema, proferem frases afirmativas rasas, contendo repetições do que foi dito pelo educador ou nada dizem.

A contextualização pessoal com as vivências da cultura que os cerca e a reflexão acerca das manifestações artísticas apresentadas, por parte do educando,



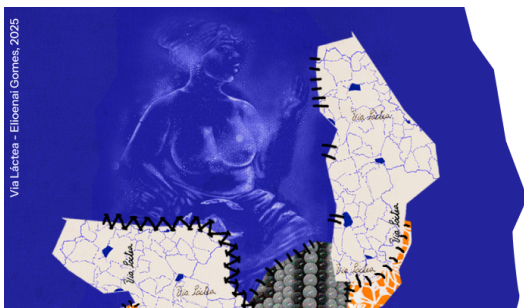
são frágeis. É notório perceber como a falta de construção identitária no ensino-aprendizagem escolar se reflete na carência de repertórios culturais e imagéticos, o que torna ausente o posicionamento crítico dos alunos.

Em vista das questões observadas, em 14 de março de 2025, o PIBID em Artes Visuais em colaboração com discentes licenciandos da disciplina de Práticas Extensionistas I, ministrada pela profa Dra Heldilene Reale no curso de Licenciatura em Artes Visuais (FAV/UFGA), realizou uma ação em conjunto com a professora supervisora, onde o eixo central referenciava a decolonialidade da arte indígena amazônica e seus impactos culturais.

Durante o processo de apresentação do tema, na aula de Artes na turma do 7º ano B, foram usados recursos visuais e peças de arte inspiradas em produções desenvolvidas pela etnia marajoaras e tópicos de debate sobre apropriação cultural que se reverberam desde o processo de colonização do país. O debate culminou no ponto de ruptura sobre como o apagamento das diversas etnias brasileiras influenciou no contexto atual de construção da identificação cultural do Brasil, em especial, na realidade do povo amazônica. Nesse sentido, para a realização do debate, foi necessário a insistência por parte dos regentes da aula em relação à fala dos discentes, pois a maioria não estava conectado ao tema exposto e ainda permanecia com a base histórica de descobrimento do Brasil que é ensinado nas escolas nos anos iniciais.

Desse modo, o uso das Artes Visuais nas escolas, em especial as que apresentam características regionais, como formadora de identidade amazônica se mostra eficaz e necessário, pois fomenta o desenvolvimento da visão crítica, auxilia na manutenção da preservação cultural dos povos originários e colabora com a percepção dos discentes sobre a produção de arte em seu contexto social.

Nesta perspectiva, o PIBID em Artes Visuais realizou na mesma turma, o planejamento de outra ação que culminou no dia 27 de maio de 2025. Tal ação incluiu a visita à Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, tendo como proposta explicar sobre a história do local e seus espaços acadêmicos, evidenciando as manifestações de Arte Urbana Paraense presente em suas paredes. Na escola, os educandos já haviam exercitado a leitura acerca da Arte



Urbana tendo como referência o livro didático, em diálogo com a exibição da animação paraense “Muragens: Crônicas de Um Muro” (2008) para contextualizar o ambiente da cidade com as vivências da turma

O momento de visitação à FAV trouxe à tona a ação do fazer artístico. Na ocasião, participaram da oficina de Lambe-Lambe ministrada pelo bolsista do PET Interdisciplinar Conexão de Saberes, artista/discente do curso, Brendal Farias Pedroso. O processo se mostrou dotado de curiosidade e reflexão acerca do cotidiano urbano da região, pois o artista Brendal explicou, no início da aula, a importância dos educandos demonstrarem suas críticas e identidades através das obras.

Figura 3: Atividade artística de Lambe-Lambe em execução.

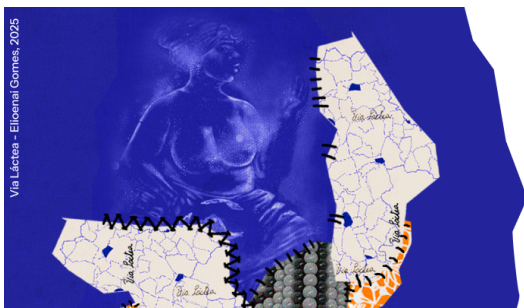


Fonte: Raquel Rabello de Souza - PIBID Artes Visuais

Figura 4 - Artista/Discente Brenda Farias Pedroso ministrando a atividade artística



Fonte: Raquel Rabello de Souza - PIBID Artes Visuais



A utilização de materiais variados como marcadores, tintas e papéis coloridos tornou a expressão de cada estudante mais subjetiva. Com as produções finalizadas, os resultados observados partiram de narrativas diversas, sobre temas que abordavam a cultura urbana, entre outras manifestações de seus repertórios visuais e culturais. Por fim, os trabalhos foram agregados e fixados ao contexto escolar, interagindo com as vivências entre o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV, do PET e da escola.

Figura 6 - Lambes expostos no pátio escolar.

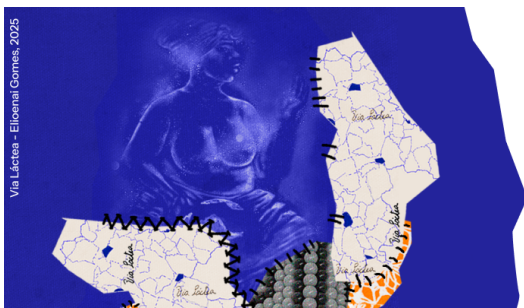


Fonte: João Messias Barros de Melo - PIBID Artes Visuais

Figura 7 - Momento de diálogos dos autores das obras com os demais estudantes.



Fonte: Raquel Rabello de Souza - PIBID Artes Visuais



Assim, segundo Ferraz e Fusari (2009):

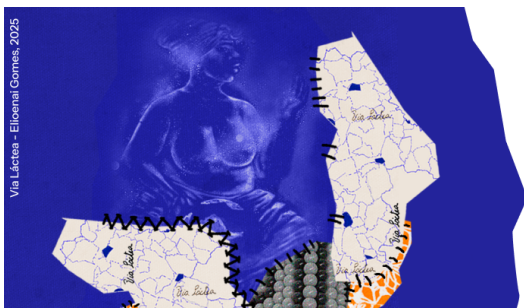
Desse convívio decorrem, portanto, conhecimentos que desenvolvem o seu repertório cultural, mas, acima de tudo, possibilitam-lhe a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas, e compreender que existe uma poética individual dos autores e diferentes modalidades de arte, tanto eruditas como populares". (Ferraz; Fusari, 2009, p.19)

Nesse sentido, é contundente afirmar que, através do contato com diferentes objetos culturalmente produzidos e expressões artísticas, os estudantes atribuem formas e sentidos novos às maneiras de admirar e julgar o mundo ao seu redor. Dessa maneira, a educação artística/estética é desenvolvida por meio de vínculos entre conhecimentos provenientes de instituições formais e conhecimentos do contexto social em que o educando se encontra inserido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das vivências e reflexões apresentadas nas vivências do PIBID em Artes Visuais, é nítido como o exercício de ações que estimulem a percepção da identidade cultural e histórica que constituem o lugar do aluno em formação propicia o sentido de pertencimento e viabiliza o pensamento crítico. As ações desenvolvidas priorizaram o contexto das vivências dos estudantes no processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais, que atrelou vivências teórico/práticas entre instituições e interações com as experiências dos próprios alunos. Além disso, provocou nos educadores em formação o ímpeto de firmar raízes ideológicas no desenvolvimento do ensino das Artes Visuais, se aproximando de uma educação libertadora dotada de significado.

A compreensão de si, em uma atmosfera sócio-cultural amazônica, e o reconhecimento do outro, dos saberes e fazeres daqueles que compartilham também do mesmo território e que carregam bagagens culturais complexas, são aspectos que validam, de forma conjunta e diversificada, uma rica e potente rede de identidades nas relações interculturais dos alunos da E.E.E.F. de Tempo integral José Bonifácio. O desenvolvimento da ideia de pertencimento desses alunos enquanto sujeitos amazônidas, nesse sentido, é constituído por uma teia de



conhecimentos coletivos, ao passo que a pluralidade também é reconhecida como dinâmica que leva em conta a complexidade dos sujeitos envolvidos nesse meio.

Pensando nos pilares da Abordagem Triangular, sistematizada pela Profa. Ana Mae Barbosa (2008), as ações de ler, fazer e contextualizar, verificadas no trânsito de interações e fazeres dos educandos nesse artigo, apresentam grandes possibilidades de contribuição no tensionamento e questionamento dos ideais eurocêtricos, coloniais e neoliberais de pertencimento da cultura amazônica, mediante a conexão das obras, linguagens e tecnologias dos objetos de estudo com seus contextos históricos e sociais. Desse modo, proporcionam um mergulho crítico nas Artes Visuais mediante entendimentos do passado e presente, possibilitando que os educandos se entendam como sujeitos artísticos e históricos conscientes.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 5ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte, MG: C/Arte, 1998.

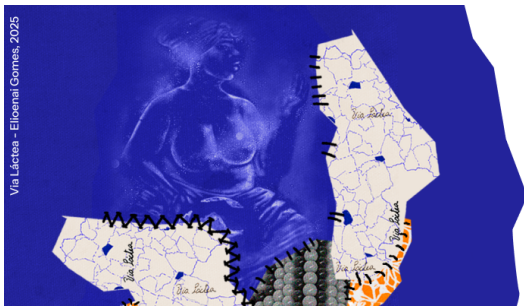
BARRETO, Helena Morroig. **Além do Fetiche Amazônico**. n.72 - Especial Economia Política da Amazônia. Revista da SEP. p.115-144, 2025 DOI: 10.69585/2595-6892.2025.1273. Disponível em: <<https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/1273/573>>. Acesso em: 10 set. 2025.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Ideologia e educação. Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 245-257, 2016 DOI: 10.1590/S1517-97022016420100400. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022016420100400>>. Acesso em: 10 set. 2025.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria. **Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e Proposições**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.



MALLMANN, Carina. **A arte na história: para uma prática interdisciplinar em sala de aula**. In: Seminário de Estudos Históricos, 11., 2013, Novo Hamburgo. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. Disponível em: <<https://share.google/1b9imFwcq21xGxhGW>>. Acesso em: 2 set. 2025.

POLON, L. C. K. **IDENTIDADE E CONSUMO: REFLEXÕES “PÓS-MODERNAS”**. Revista Sociais e Humanas, [S. l.], v. 28, n. 3, p. 36–48, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/20807>>. Acesso em: 18 set. 2025.

ROCHA, H.; MONTEIRO, R. **Das fontes às evidências: ensino de História e a disputa de narrativas sobre o passado**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 108–128, 2025. DOI: 10.5216/rth.v27i2.80945. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/80945>>. Acesso em: 18 set. 2025.

TADEU, Tomaz. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 3º Edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MATUOKA, Ingrid. Ana Mae Barbosa e a Educação Por Meio da Arte. **Centro de Referências em Educação Integral**, [26 nov. 2018]. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/ana-mae-barbosa-e-educacao-por-meio-da-arte/> . Acesso em: 13 set. 2025.